

## UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS PARA O TRATAMENTO DE SINTOMAS CLIMATÉRICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Saulo Rios Mariz <sup>1</sup>  
Malena Aparecida da Silva <sup>2</sup>  
Ellen Onara Rodrigues Santos Juvino <sup>3</sup>  
Tayse Gabrielly Leal da Silva <sup>4</sup>

### RESUMO

Com o início do climatério ocorre a diminuição da descarga hormonal que repercute no organismo feminino, propiciando o surgimento de efeitos como: insônia, sintomas vasomotores, instabilidade de humor, atrofia urogenital, doenças cardiovasculares, câncer e problemas cognitivos. O presente trabalho objetivou realizar uma análise de estudos sobre a eficácia e segurança de plantas medicinais e/ou fitoterápicos na terapia de reposição hormonal em mulheres no climatério ou menopausadas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados *Scielo*, *Medline* e *Lilacs* usando os seguintes descritores e seus correlatos em inglês: Climatério, Menopausa, Fitoterapia e Plantas Mediciniais. Foram selecionados 10 artigos para compor a amostra de textos analisados. Entre os fitofármacos com eficácia e segurança, cientificamente comprovadas, na melhora dos sintomas climatéricos, os mais citados foram: os fitoestrógenos, principalmente os da isoflavona de soja e os presentes na erva-doce, com propriedades de diminuição da atrofia e secura vaginal e dispareunia. Outros benefícios, relacionam-se à diminuição dos fogachos e sudorese.

**Palavras-chave:** Climatério, Menopausa, Fitoterapia e Plantas Mediciniais.

### INTRODUÇÃO

A utilização humana de espécies vegetais na terapêutica existe desde épocas remotas, como resultado da soma de conhecimentos empíricos sobre o uso de plantas por diversos grupos étnicos. Em razão disso, desde as primeiras civilizações, o homem faz uso de plantas medicinais e derivados pela necessidade de sobrevivência, o que posteriormente foi aperfeiçoado para as possíveis implicações no restabelecimento da saúde. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 80% da população mundial utiliza plantas medicinais no que diz respeito à atenção primária em saúde (LOPES et al, 2015).

Diante dessa perspectiva de ascensão do uso de plantas medicinais, buscou-se consolidar diretrizes que proporcionassem a integração dessa prática no âmbito da saúde

<sup>1</sup> Docente de Farmacologia nos Cursos de Enfermagem e Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) Fitoterapia (UFCG). Doutor em Farmacologia (UFPB), sjmariz22@hotmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Enfermagem CCBS/UFCG, Bolsista do PET Fitoterapia, malena\_xo@hotmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Enfermagem CCBS/UFCG, Bolsista do PET Fitoterapia, ellenonara@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Enfermagem CCBS/UFCG, Bolsista do PET Fitoterapia, thaysleal8@gmail.com;

pública, em especial, na atenção primária. Para isso, foi aprovada Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) através da Portaria nº 971, em maio de 2006, incluindo a fitoterapia como uma de suas abordagens. Pouco tempo depois, foi publicado o Decreto nº 5.813/2006 que aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), atualizada em 2016, fortalecendo o acesso seguro e o uso racional das plantas medicinais e fitoterápicos, propiciando novas opções terapêuticas para prestar assistência aos indivíduos (BRASIL, 2006(a); BRASIL, 2006(b); BRASIL, 2016).

Estudos nacionais evidenciam que a maior frequência de uso de plantas medicinais ocorre entre as mulheres. Isso advém do fato que, geralmente, as mesmas assumem responsabilidades relacionadas às experiências de cuidado no âmbito familiar. Além disso, é importante salientar que durante o processo de envelhecimento, o surgimento de doenças e novas condições de saúde se acentuam, fazendo com que a mulher busque um tratamento complementar ou alternativo, como a fitoterapia (SHIAVO et al, 2017).

No processo de envelhecimento feminino, destaca-se o climatério, período em que ocorre a transição da fase reprodutiva para a fase não reprodutiva, em consequência da redução dos hormônios sexuais produzidos pelos ovários. Essa diminuição da descarga hormonal repercute no organismo feminino, propiciando o surgimento de efeitos como: insônia, sintomas vasomotores, ondas de calor, instabilidade de humor, atrofia urogenital, doenças cardiovasculares, câncer e problemas cognitivos. Com isso, as mulheres buscam novos métodos de cuidados com a saúde, entre os quais inclui-se o uso de plantas, principalmente as que possuem fitoestrógenos, por apresentarem menor efeitos adversos que os hormônios sintéticos (ROCHA et al, 2018). Entretanto, na maioria dos casos de emprego da fitoterapia, trata-se de um comportamento essencialmente caracterizado como automedicação, sem orientação de um profissional de saúde e sujeito à riscos tanto de efeitos adversos dos produtos naturais quanto de interação medicamentosa adversa desses com medicamentos alopáticos que porventura estejam sendo usados simultaneamente (SILVA et. al., 2015)

Diante de tudo isso, e com base na necessidade de estabelecer e disponibilizar novos métodos terapêuticos para as mulheres durante o processo de envelhecimento, o presente trabalho objetivou realizar um levantamento bibliográfico, visando a avaliação dos estudos elaborados acerca da utilização de plantas medicinais contendo fitormônios na terapia de reposição hormonal em mulheres climatéricas ou menopausadas, investigando a relação do uso das mesmas e o surgimento de efeitos terapêuticos e/ou tóxicos.

## METODOLOGIA

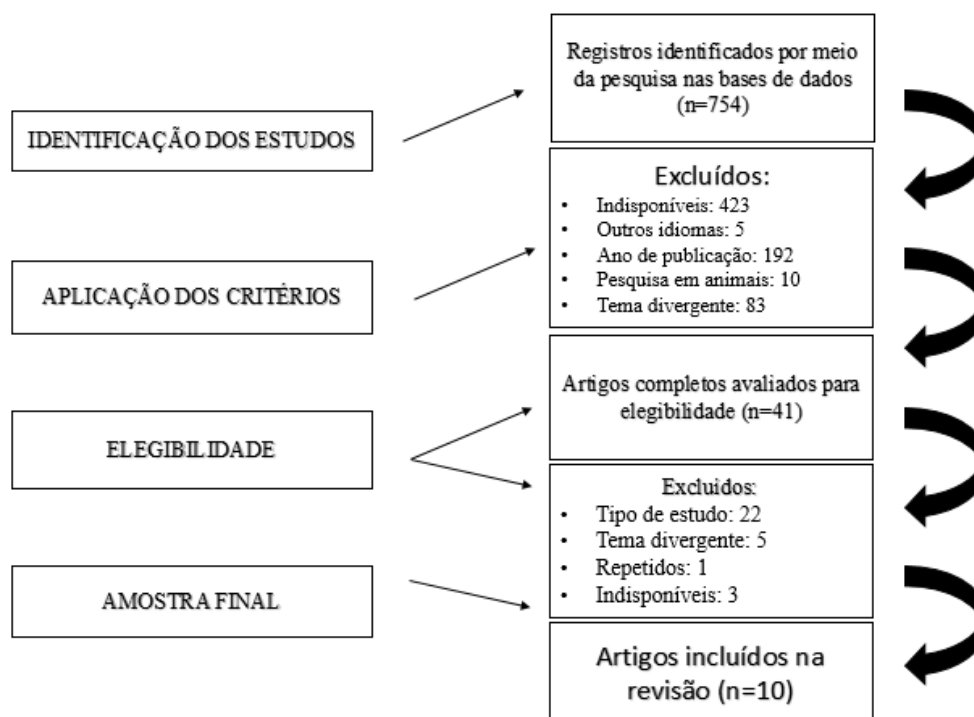
Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que tem por objetivo produzir uma análise do conhecimento existente sobre um tema específico a partir de pesquisas anteriores, visando fechar lacunas existentes e unificar o conhecimento sobre o assunto. Para elaboração dessa revisão foram seguidas as seguintes etapas: elaboração da questão norteadora; busca dos artigos nas bases de dados utilizando-se os descritores e seus correspondentes em língua inglesa; seleção dos trabalhos encontrados mediante os critérios de inclusão e exclusão pré-determinados; avaliação dos estudos pré-selecionados; organização dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados e apresentação da revisão (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p.129).

A pergunta de pesquisa foi Quais as evidências científicas acerca dos benefícios e riscos da utilização de plantas medicinais e fitoterápicos para o tratamento de sintomas climatéricos? A busca dos artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*(MEDLINE) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A pesquisa foi realizada combinações entre os descritores escolhidos, Climatério, Menopausa, Fitoterapia e Plantas Mediciniais, que foram testados no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), incluindo seus correspondentes em língua inglesa.

A seleção dos artigos foi realizada com base nos critérios de inclusão: estudos originais disponíveis e publicados na íntegra que abordassem, no título ou resumo, respostas para a questão norteadora; que tivessem sido publicados entre os anos de 2014 e 2019; estudos publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídos trabalhos como artigos de revisão (sistemática, meta-análise, integrativa e bibliográfica) e artigos repetidos. O percurso de seleção da amostra está representado na figura 1.

Para o desenvolvimento da análise, foi elaborado pelos autores uma planilha, com auxílio do *Microsoft Excel*, com os seguintes itens: título, autor, objetivo, desenho do estudo, principais resultados, conclusão e referência bibliográfica; além da análise das características dos artigos como, idioma, ano da publicação, temática e base de dados.

Por se tratar de uma revisão integrativa, portanto, de um estudo bibliográfico, não foi necessário solicitar aprovação do Comitê de Ética para realização do estudo. Declara-se não haver quaisquer conflitos de interesses.



**Figura.1** Fluxograma do processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 10 artigos incluídos, 9 foram encontrados na base de dados *MedLine*, em língua inglesa, e apenas 1 na *Lilacs* nas línguas inglesa e portuguesa. Majoritariamente os textos foram publicados entre os anos de 2014 e 2016 com 3 trabalhos em cada ano, como se pode observar no Quadro 1.

Quanto às espécies vegetais estudadas por cada artigo, usadas para tratamento de sintomas climatéricos, foi observado que: quatro artigos estudaram a atuação da Isoflavona de soja (*Glycine max (L.) Merr.*); dois avaliaram a atuação da erva-doce (*Foeniculum vulgare*); um estudou a *Tribulus Terrestris*, outro estudo foi feito sobre o óleo de espinheiro do mar (*Hippophaë rhamnoides*); um trabalho com fitoterápico à base de plantas medicinais chinesas e, ainda, uma pesquisa sobre a interação da fitoterapia e medicamentos no climatério. O detalhamento dos artigos analisados, está presente no Quadro 2.

**Quadro 1-** Apresenta a síntese geral das informações extraídas dos artigos analisados.

<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>REVISTA/ANO</b>
<i>Assessment of the Effects of Tribulus Terrestris on Sexual Function of Menopausal Women.</i>	POSTIGO, S. et. al.	Rev. Bras. Ginecol. Obstet. 2016.
<i>Effect of Foeniculum vulgare Mill. (fennel) on menopausal symptoms in postmenopausal women: a randomized, triple-blind, placebo-controlled trial.</i>	RAHIMIKIAN, F. et. al.	Menopause, 2017.
<i>Adding Agnus Castus and Magnolia to Soy Isoflavones Relieves Sleep Disturbances Besides Postmenopausal Vasomotor Symptoms-Long Term Safety and Effectiveness.</i>	DE FRANCISCIS, P. et. al.	Nutrients, 2017.
<i>Effect of Foeniculum vulgare (fennel) vaginal cream on vaginal atrophy in postmenopausal women: A double-blind randomized placebo-controlled trial.</i>	YARALIZADEH, M. et. al.	Maturitas, 2016.
<i>Effects of a soy-based dietary supplement compared with low-dose hormone therapy on the urogenital system: a randomized, double-blind, controlled clinical trial.</i>	CARMIGNANI, L. et. al.	Menopause, 2015.
<i>Effects of the Chinese Herbal Formulation (Liu Wei Di Huang Wan) on the Pharmacokinetics of Isoflavones in Postmenopausal Women.</i>	LIMOPASMANEE, W. et. al.	BioMed Research International, 2015.
<i>Effects of sea buckthorn oil intake on vaginal atrophy in postmenopausal women: A randomized, double-blind, placebo-controlled study.</i>	LARMO, P. S. et. al.	Maturitas, 2014.
<i>Effects of acupuncture and Chinese herbal medicine (Zhi Mu 14) on hot flushes and quality of life in postmenopausal women: results of a four-arm randomized controlled pilot trial.</i>	NEDELJKOVIC, M. et. al.	Menopause, 2014.
<i>Effects of Glycine max (L.) Merr. soy isoflavone vaginal gel on epithelium morphology and estrogen receptor expression in postmenopausal women: a 12-week, randomized, double-blind, placebo-controlled trial.</i>	LIMA, S. M. et. al.	Maturitas, 2014.
Potenciais interações relacionadas ao uso de medicamentos, plantas medicinais e fitoterápicos em mulheres no período do climatério.	GELATTI, G. T. et. al.	Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, 2016

**Quadro 2** - Apresenta a síntese geral das informações extraídas dos artigos analisados.

REFERÊNCIA	OBJETIVO DO ESTUDO	DESENHO	PRINCIPAIS RESULTADOS
POSTIGO, S. et al, 2016.	Estudar os efeitos do <i>Tribulus terrestris</i> na função sexual de mulheres após a menopausa.	Ensaio clínico, prospectivo, randomizado, duplo-cego, placebo controlado.	Na avaliação com o questionário SQ-F, houve diferenças significativas entre os grupos placebo ( $7,6 \pm 3,2$ ) e <i>Tribulus</i> ( $10,2 \pm 3,2$ ) nos domínios desejo e interesse sexual, preliminares, excitação e interação harmoniosa com o parceiro e conforto na relação sexual. Não houve diferença significativa entre os grupos placebo e <i>Tribulus</i> nos domínios do orgasmo e satisfação sexual ( $p=0,28$ ). No questionário FIEI, houve melhora significativa ( $p<0,001$ ) nos domínios da lubrificação vaginal durante o coito e/ou preliminares, sensação na genitália durante a relação sexual e capacidade de atingir o orgasmo. Não houve diferença significativa nos efeitos adversos entre os dois grupos.
RAHIMIKIAN, F. et al, 2017.	Avaliar a eficácia da erva-doce no manejo dos sintomas em mulheres pós-menopáusicas.	Ensaio triplo-cego controlado por placebo.	Os grupos registraram pontuações médias semelhantes no questionário MRS (Escala de Classificação da Menopausa) antes da intervenção. Depois de intervenção, o grupo de tratamento mostrou uma diminuição significativa na pontuação média de MRS. Os resultados do teste de Friedman mostraram diferenças significativas entre o escore médio no início do estudo e aqueles em 4, 8 e 10 semanas após o início da intervenção no grupo de tratamento ( $p<0,001$ ), entretanto não houve diferenças significativas do grupo placebo. Quando os grupos funcho e placebo foram comparados, o teste t independente mostrou significância.

**Quadro 2** - Apresenta a síntese geral das informações extraídas dos artigos analisados (continuação).

<p>DE FRANCISCIS, P. et al, 2017.</p>	<p>Analisar a eficácia e segurança da terapia a longo prazo usando <i>Agnus-castus</i> e Magnólia combinados com Isoflavona de soja e lactobacillus, nos sintomas vasomotores, em particular enfocando os distúrbios do sono em mulheres na menopausa.</p>	<p>Estudo prospectivo, observacional e controlado</p>	<p>Ao final do tratamento, a densidade mamária, a espessura endometrial e a função hepática não mostraram diferenças substanciais entre os grupos. O índice de Kuppermann e particularmente a tendência para ondas de calor diminuíram progressivamente e significativamente em frequência e severidade durante o tratamento com ESP (tratamento com isoflavonas de soja + lactobacilos + magnólia + <i>Agnus castus</i>) versus C (que recebeu apenas isoflavonas de soja). Ao mesmo tempo, um aumento significativo na qualidade do sono e nos parâmetros de bem-estar psicofísico foi observado nos grupos ESP versus C. Nenhum evento adverso foi observado</p>
<p>YARALIZADEH, M. et al, 2016.</p>	<p>Investigar o efeito do creme vaginal de erva-doce sobre a atrofia vaginal em mulheres na pós-menopausa.</p>	<p>Estudo controlado, randomizado e duplo-cego</p>	<p>O número de células superficiais aumentou significativamente no grupo de funcho após 8 semanas em comparação com o grupo controle. O número de células intermediárias e parabasais diminuiu de forma significativa no grupo de funcho em comparação ao grupo controle (<math>p &lt; 0,001</math>). O pH vaginal diminuiu significativamente no seguimento de 8 semanas no grupo de funcho em comparação com o grupo controle (100% vs. 7,4%, <math>p &lt; 0,001</math>). Todas as mulheres do grupo de erva-doce tinham um MVI de 65-100 no acompanhamento de oito semanas, enquanto quase metade (40,7%) das mulheres do grupo de controle tinha um MVI de 50-64 (<math>p &lt; 0,001</math>).</p>
<p>LIMOPASMANEE, W. et al, 2015.</p>	<p>Determinar a influência de doses orais únicas e múltiplas de LWDHW na farmacocinética da isoflavona em mulheres saudáveis, na pós-menopausa.</p>	<p>Estudo cruzado aberto, de sequência fixa, trifásico.</p>	<p>Os resultados deste estudo não revelaram diferenças significativas nos parâmetros farmacocinéticos da daidzeína e genisteína, entre os três regimes, a saber: mulheres que receberam apenas leite de soja (fase A); pacientes tratadas em co-administração de leite de soja e LWDHW (Fase B) e voluntárias sob dose múltipla de LWDHW por 14 dias (fase C).</p>

**Quadro 2** - Apresenta a síntese geral das informações extraídas dos artigos analisados (continuação).

<p>CARMIGNANI, L. O. et al, 2015.</p>	<p>Objetivaram comparar os efeitos de um suplemento dietético à base de soja, terapia hormonal de baixa dose (HT) e placebo no sistema urogenital em mulheres na pós-menopausa.</p>	<p>Estudo duplo-cego, randomizado, controlado por placebo</p>	<p>A secreção vaginal melhorou significativamente nos grupos de soja e de terapia hormonal (TH) (<math>p = 0,04</math>). Sintomas urinários e sexuais não mudaram com o tratamento nos três grupos: um grupo de suplemento dietético de soja (90 mg de isoflavona), um grupo TH de dose baixa (1 mg de estradiol mais 0,5 mg de noretisterona) e um grupo de placebo. Após 16 semanas de tratamento, houve um aumento significativo no valor de maturação apenas no grupo TH (<math>P &lt; 0,01</math>). O pH vaginal diminuiu apenas neste grupo (<math>p &lt; 0,01</math>). Não houve diferenças estatisticamente significativas na espessura endometrial entre os três grupos, e os efeitos adversos avaliados foram semelhantes.</p>
<p>NEDELJKOVIC, M. et al, 2014.</p>	<p>Avaliar a viabilidade de um ensaio clínico investigando os efeitos da acupuntura (AP) e fitoterapia chinesa (CHM) em fogachos e qualidade de vida em mulheres na pós-menopausa.</p>	<p>Ensaio clínico, estudo prospectivo, randomizado</p>	<p>As Plantas Medicinais chinesas (PMC) e Acupuntura (AP) induziram um declínio significativo em todas as medidas de resultado do pré-tratamento para pós-tratamento em comparação com AP falsa (frequência de afrontamento, <math>p=0,016</math>; gravidade de afrontamento, <math>p=0,013</math>; MRS, <math>p&lt;0,001</math>). No grupo PMC-AP, uma diminuição maior nos escores de MRS persistiu desde o pré-tratamento até o acompanhamento (<math>p=0,048</math>). Não foram observadas diferenças significativas entre o grupo de PMC e o grupo PMC placebo. Em comparação com o grupo PMC, houve uma diminuição significativa nos escores MRS (<math>p=0,002</math>) e uma tendência para uma diminuição mais forte na gravidade do fogacho (<math>p=0,06</math>) no grupo PMC AP do pré-tratamento para o pós-tratamento.</p>



**Quadro 2 - Quadro 2** - Apresenta a síntese geral das informações extraídas dos artigos analisados (continuação).

LARMO, P. S. et al, 2014.	Investigar os efeitos da suplementação de óleo de espinheiro do mar (EM) oral na atrofia vaginal.	Estudo randomizado, duplo-cego, controlado por placebo	Comparado ao placebo, houve uma taxa de melhora significativa na integridade do epitélio vaginal no grupo EM, quando ambos os participantes complacentes e não aderentes foram incluídos. Uma tendência benéfica foi observada quando apenas os participantes concordantes foram incluídos. Houve uma tendência para melhora do índice de saúde vaginal desde o início até o final no grupo EM comparado ao placebo.
LIMA, S. M. et al, 2014.	Avaliar os efeitos da administração vaginal de isoflavonas de soja como uma opção de tratamento para a atrofia vaginal, sobre a morfologia e expressão de receptores de estrogênio no epitélio vaginal de mulheres na pós-menopausa.	Ensaio clínico duplo-cego, randomizado, controlado por placebo	O gel vaginal de isoflavona foi efetivo para o alívio da secura vaginal e sintomas de dispareunia e foi observado um aumento nas células intermediárias e superficiais. O pH vaginal no grupo isoflavona foi de 7,1 no início e 5,4 após 12 semanas, enquanto no grupo placebo não houve mudança significativa. Um aumento significativo na espessura após o tratamento foi detectado no grupo da isoflavona. A percentagem de células positivas ao receptor de estrogênio no epitélio vaginal para o grupo da isoflavona variou de 58,5% no início do tratamento a 82,6% após 12 semanas. Esses resultados foram superiores ao gel placebo.
GELATTI, G. T. et al, 2016.	Identificar as potenciais interações decorrentes do uso de plantas medicinais e fitoterápicos concomitante a medicamentos utilizados por mulheres climatéricas.	Trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico	Das 87 mulheres estudadas, 55 utilizavam pelo menos uma planta medicinal e 9 mulheres utilizavam pelo menos 1 fitoterápico concomitante a medicamentos, totalizando 26 mulheres expostas a interações entre plantas e medicamentos e 6 mulheres expostas a interações entre fitoterápicos e medicamentos. Em relação às plantas utilizadas no manejo de sintomas climatéricos apenas 1 mulher relatou usar para tratar fogachos a Cera de Glicina (isoflavonas) 50 mg e outras 6 usaram linhaça ( <i>Linum usitatissimum</i> ), Alcachofra ( <i>Cynara scolymus</i> ) e outros compostos de ervas para redução de peso corporal.

## **Relação entre isoflavonas de soja e sintomas vaginais do climatério**

No estudo feito por De Franciscis et al, (2016), o tratamento a bases de isoflavonas de soja aliado a lactobacilos, magnólia (*Magnolia officinalis*) e *Agnus castus* (grupo ESP), promoveu alívio dos sintomas vasomotores do climatério, como ondas de calor e suor noturno. Além disso, a melhora da qualidade do sono global foi mais evidente neste grupo do que entre pacientes tratadas com apenas isoflavonas de soja (grupo C). Essa melhora na qualidade do sono está relacionada com a ação dos extratos de magnólia e de *Agnus-castus*, além da diminuição dos fogachos ocorridos durante a noite. Como é bem conhecido, a magnólia e o *Agnus-castus* possuem propriedades neurotróficas e ansiolíticas, explicando o efeito positivo sobre os sintomas, como irritabilidade, melancolia, dor de cabeça e cansaço.

Na comparação dos efeitos de um suplemento dietético à base de soja, terapia hormonal de baixa dose (TH) e placebo no sistema urogenital em mulheres na pós-menopausa, observou-se que a utilização de 90mg de Isoflavona de soja foi significativamente eficaz para alívio de sintomas genitais no climatério, como secura vaginal. Resultado semelhante foi encontrado no grupo de TH, ou seja, é possível que a isoflavona, por ser um fitoestrógeno, exerça ação moduladora dos receptores de estrogênio e que tal ação seja dose-dependente. Além disso, o grupo placebo mostrou ação inferior na mucosa vaginal em relação ao grupo isoflavona, evidenciando os benefícios clínicos desse fitoestrógeno, sem alterar a citologia vaginal (CARMIGNANI et al, 2015).

Semelhante a este resultado, um outro estudo observou que a utilização de isoflavona em gel gerou resultados positivos em relação à secura vaginal e dispareunia, em menor tempo (4 semanas) e maior eficácia quando comparado ao grupo placebo (12 semanas). É importante salientar que os níveis séricos de FSH (hormônio folículo estimulante) e estradiol se mantiveram inalterados durante ambos tratamentos. Além disso, foi avaliado que houve uma redução do pH vaginal em comparação com o início do tratamento via oral com isoflavonas, possivelmente pelo fato de que o uso via vaginal possua efeitos mais eficazes sobre o pH (LIMA et al, 2014).

A biodisponibilidade da daidzeína e genisteína, que são agliconas da isoflavona, foi avaliada por meio da correlação entre a ingestão oral de leite de soja com Li Wei Di Huang Wan (LWDHW), uma formulação fitoterápica chinesa composta por Shu Di Huang (Raiz de *Rehmanniae preparata*), Shan Zhu Yu (*Fructus corni*), Shan Yao (*Rhizoma dioscoreae*), Ze Xie (*Rhizoma alismatis*), Mu Dan Pi (*Cortex moutan*) e Fu Ling (Poria). Foi constatado que em mulheres pós-menopáusicas saudáveis, a administração concomitante de LWDHW de dose única ou o tratamento prévio com LWDHW de dose múltipla durante 14 dias, não

alterou estatisticamente os parâmetros farmacocinéticos da daidzeína ou genisteína em comparação com aquelas pacientes submetidas a administração de uma única dose oral de leite de soja (LIMOPASMANEE et al, 2015).

### **Relação entre o fitoestrógeno da erva-doce e sintomas vaginais do climatério**

Em um estudo com 60 mulheres pós-menopausadas, analisando intervenção na atrofia vaginal, as mesmas foram distribuídas em 2 grupos para receber creme de erva-doce (*Foeniculum vulgare*) 5% ou placebo, durante 8 semanas. Foi observado que o efeito do fitoestrógeno da erva-doce mostrou-se positivo para manejo de sintomas climatéricos, pois diminuiu o pH vaginal e secreção vaginal, além de amenizar a dispareunia e o prurido, melhorando parâmetros da citologia vaginal (YARALIZADEH, 2016).

Corroborando os dados do trabalho anteriormente exposto, a pesquisa de Rahimikian et. al., (2017), foi concluída com a afirmação dos autores de que uma melhora significativa foi observada nos sintomas da menopausa durante as 8 semanas de intervenção e 2 semanas de acompanhamento no grupo erva-doce. Além disso, a erva-doce, por conter fitoestrógenos, não apresentou efeitos colaterais e/ou adversos, sendo eficaz, principalmente, em mulheres com baixos níveis de estrogênio e para aquelas que experimentaram a menopausa precoce ou são hysterectomizadas.

### **Ouros métodos fitoterápicos de manejo dos sintomas climatéricos**

Ainda analisando terapêuticas para manejo de sintomas vaginais, em mulheres menopausadas, observou-se que as saponinas esteroidais podem ser responsáveis pela atividade hormonal intrínseca de *Tribulus terrestris*, estimulando diretamente os tecidos femininos sensíveis endocrinamente como os do útero e da vagina. Os sintomas evidenciados entre as mulheres foram: aumento da lubrificação vaginal e consequente melhoria do desempenho sexual. Além disso, os componentes ativos presentes no *T. terrestris* podem ser convertidos enzimaticamente em andrógenos fracos semelhantes ao hormônio dehidroepiandrosterona (DHEA), que posteriormente poderia, por sua vez, ser convertido em andrógenos mais fortes, como a testosterona presente nas gônadas e tecidos periféricos (POSTIGO et al., 2016).

Outro produto avaliado quanto à sua utilidade terapêutica na reposição hormonal foi o óleo de Espinheiro-mar (*Hippophaë rhamnoides*). Constatou-se que o mesmo melhora a integridade do epitélio vaginal entre mulheres na pós-menopausa. No entanto, o referido óleo não afetou o pH vaginal, nem tampouco as células endoteliais, o que demonstra a inatividade em receptores estrogênicos. Apesar disso, este fitoterápico é indicado pela ação benéfica na atrofia vaginal, devido a sua

associação com outros compostos bioativos relacionados a atividade antiinflamatória como os carotenóides, tocoferóis, tocotrienóis e -sitosterol (LARMO et al., 2014).

Um protocolo de tratamento semi-padronizado foi aplicado por um acupunturista altamente experiente, em uma pesquisa objetivando avaliar o tratamento com Zhi MU (*Anemarrhena asphodeloides*) uma Planta Medicinal Chinesa (PMC) e acupuntura (AP), em relação aos sinais e sintomas da pós-menopausa. Os resultados revelam que os tratamentos reduziram, em aproximadamente 87% e 75%, respectivamente, a gravidade e frequência dos fogachos. Dessa forma, a AP e PMC mostram-se como intervenções clinicamente significativas para aliviar alguns dos sintomas da menopausa (NEDELJKOVIC et al., 2014).

Por fim, a análise das interações medicamentosas entre as medicações alopáticas e plantas medicinais utilizadas por mulheres durante o climatério e a pós-menopausa, identificou que, das 87 mulheres estudadas, um total de 26 mulheres estavam expostas a interações entre plantas e medicamentos e 6 mulheres expostas a interações entre fitoterápicos e medicamentos. Porém apenas 7 utilizavam plantas medicinais que atuavam sobre os sintomas climatéricos (GELATTI et al., 2016). Assim, a possibilidade de interação medicamentosa deve ser avaliada, bem como, suas implicações para mulher, devendo o profissional de saúde prestar as devidas orientações para a sua paciente, melhorando a assistência em saúde para esse grupo populacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos afirmar que os estudos analisados nos permitiram conhecer algumas plantas medicinais com potencial de fitôrmônios, e com eficácia e segurança cientificamente comprovadas, com destaque para as isoflavonas de soja, medicamento fitoterápico já reconhecido pela autoridade sanitária brasileira e presente na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais RENAME (BRASIL, 2018). Entretanto, outras possibilidades tem sido investigadas com relativos indícios de potencial terapêutico, como por exemplo, derivados da erva-doce (*Pimpinella anisum* L.).

Tal fato pode oportunizar a elaboração de novos estudos com o objetivo de fortalecer essa prática, a fim de se disponibilizar um novo método terapêutico acessível e de baixo custo para as mulheres que estão apresentando os mais frequentes sintomas indesejáveis da menopausa: distúrbios vasomotores, fogachos, suor noturno, atrofia vaginal e dispareunia. Portanto, faz-se necessário realizar novas pesquisas científicas, considerando os aspectos fitoquímicos e toxicológicos da espécie vegetal selecionada, com o objetivo de avaliar a eficácia e segurança do uso de plantas medicinais frente às aplicações terapêuticas.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; · MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 971. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, 2006(a).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006(b).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: RENAME 2018** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em <https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2018/11/RENAME-2018.pdf>. Acesso em 08 mai 2019.

CARMIGNANI, L. O.; PEDRO, A. O.; MONTEMOR, E. B. ARIAS, V. A.; COSTA-PAIVA, L. H.; PINTO-NETO, A. M. Effects of a soy-based dietary supplement compared with low-dose hormone therapy on the urogenital system: a randomized, double-blind, controlled clinical trial. **Menopause**; 2015, v.22, n.7 p.741-749.

DE FRANCISCIS, P.; GRAUSOORCLD, F.; LUISI, A.; SCHETTINO, M. T.; TORELLA, M.; COLACURCI, N. Adding Agnus Castus and Magnolia to Soy Isoflavones Relieves Sleep Disturbances Besides Postmenopausal Vasomotor Symptoms-Long Term Safety and Effectiveness. **Nutrients**. 2017, v.9, n.2, p.129.

GELATTI, G. T.; OLIVEIRA, K. R.; COLET, C. F. Potenciais interações relacionadas ao uso de medicamentos, plantas medicinais e fitoterápicos em mulheres no período do climatério. **J. res.: fundam. care. online.** v.8, n.2, p. 4328-4346, 2016.

LARMO, P. S.; YANG, B.; HYSSALA, J.; KALLIO, H. P.; ERKOLLA, R. Effects of sea buckthorn oil intake on vaginal atrophy in postmenopausal women: a randomized, double-blind, placebo-controlled study. **Maturitas.** v. 79, n. 3, p.316-21. 2014.

LIMA, S.M.; BERNARDO, B. F.; YAMADA, S. S.; REIS, B. F.; DA SILVA, G. M.; GALVÃO, M. A. Effects of Glycine max (L.) Merr. soy isoflavone vaginal gel on epithelium morphology and estrogen receptor expression in postmenopausal women: A 12-week, randomized, double-blind, placebo-controlled trial. **Maturitas.** v.78, n.3, p.205-211, 2014.

LIMOPASMANEE, W.; CHANSAKAOW, S.; ROJANASTHIEN, N.; MANOROT, M.; SANGDEE, C.; TEEKACHUNHATEAN, S. Effects of the Chinese Herbal Formulation (Liu Wei Di Huang Wan) on the Pharmacokinetics of Isoflavones in Postmenopausal Women. **BioMed Research International**, 2015, Article ID 902702.

LOPES, M.A.; NOGUEIRA, I.S.; OBICI, S.; ALBIERO, A. L. M. Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa Estratégia saúde da família em Maringá/PR/Brasil. **Rev. bras. plantas med.** 2015, v.17, n.4, p. 702-206.

NEDELJKOVIC, M.; TIAN, L.; JI, P.; DEGLON-FISCHER, A.; STUTE, P.; OCON, E.; BIRKHAUSER, M.; AUSFELD-HAFTER, B. Effects of acupuncture and Chinese herbal medicine (Zhi Mu 14) on hot flushes and quality of life in postmenopausal women: results of a four-arm randomized controlled pilot trial. **Menopause.** v.21, n.1, p.15 24, jan.2014.

POSTIGO, S.; LIMA, S. M. R. R.; YAMADA, S. S.; REIS, B. F.; SILVA, G. M. D.; AOKI, T. Avaliação dos efeitos do Tribulus Terrestris na sexualidade de mulheres no climatério. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v. 38, n. 3, p.140-146, 2016.

RAHIMIKIAN, F.; RAHIMI, R.; GOLZAREH, P.; BEKHRADI, R.; MEHRAN, A. Effect of Foeniculum vulgare Mill. (fennel) on menopausal symptoms in postmenopausal women: a randomized, triple-blind, placebo-controlled trial. **Menopause.** v.24, n.9, p.1017 1021, 2017.

ROCHA, B.M.A; PEREIRA, M.S.V; CARNEIRO, J.Q. Terapias complementares: Fitoterapia como terapêutica no climatério e menopausa. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**. v.16, n.1, 2018.

SCHIAVO, M.; GELATTI, G.T OLIVEIRA, K.R; BANDEIRA, V.A.C; COLET, C.F. Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**. v. 38, n. 1, p. 45-60 2017.

SILVA, A. B.; ARAÚJO, C. R. F.; MARIZ, S. R.; MENESES, A. B.; COUTINHO, M. S.; ALVES, R. B. S. The use of medicinal plants for elderly users of a Basic Family Health Unit. **J Nurs UFPE on line.**, v. 9, Suppl. 3, p.7636-43, 2015.

YARALIZADEH, M.; ABEDI, P.; NAJAR, S.; NAMJOYAN, F.; SAKI, A. Effect of *Foeniculum vulgare* (fennel) vaginal cream on vaginal atrophy in postmenopausal women: A double-blind randomized placebo-controlled trial. **Maturitas**. vol.84, pp.75-80, fev.2016.